ARTISTAS PORTUGUEZES

ESCULPTURA

PINTURA

ARCHITECTURA

MUSICA

José Rodrigues

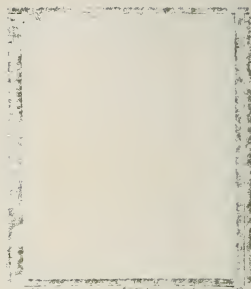
PINTOR PORTUGUEZ

Estudos artisticos
* e biographicos *

por

Julio de Castilho

Livraria Moderna
Editora
Rua Augusta, 95

Typographia
45, Rua Ivens, 47
Lisboa, 1909

JOSÉ RODRIGUES

PINTOR PORTUGUEZ

JOSÉ RODRIGUES

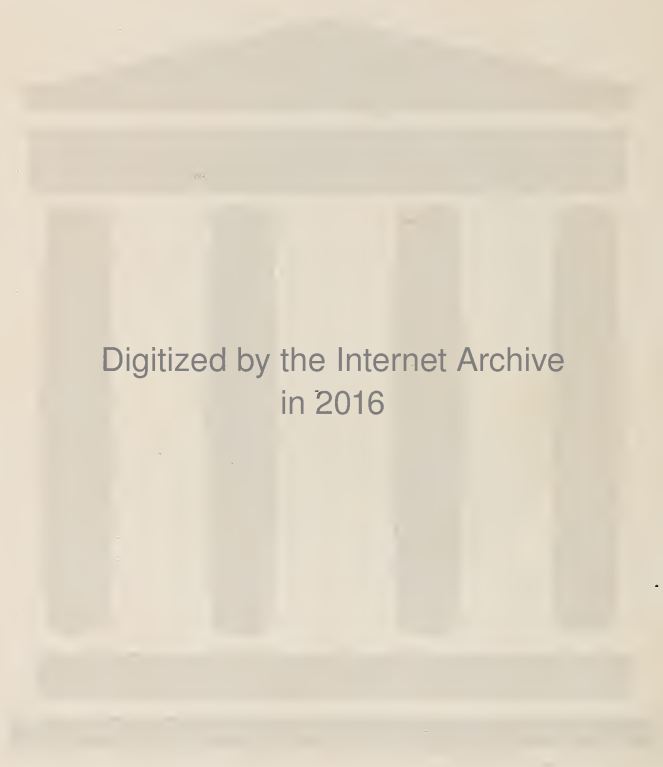
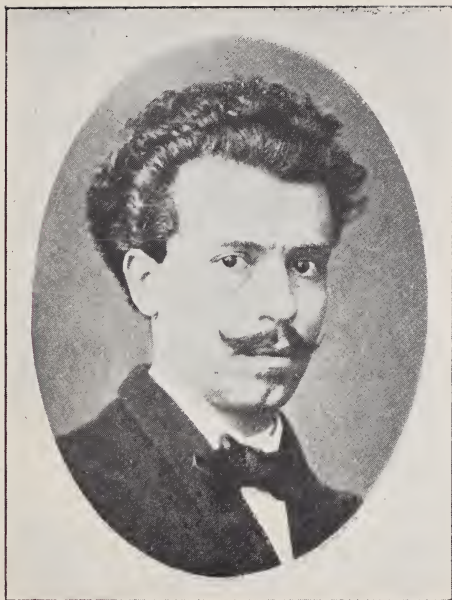
PINTOR PORTUGUEZ

ESTUDOS ARTISTICOS E BIOGRAPHICOS

POR

JULIO DE CASTILHO

Academico honorario
da Academia Real das Bellas-Artes de Lisboa

LIVRARIA MODERNA
EDITORA
RUA AUGUSTA, 95

TYPOGRAPHIA
45, RUA IVENS, 47
LISBOA

JOSÉ RODRIGUES

notavel pintor portuguez, tal como era
nos seus ultimos tempos

A

José Arthur Bárcia

Sobrinho neto do notavel pintor portuguez

José Rodrigues,

offerece
como prova de muita consideração moral,
sincero agradecimento
e amisade

J. de C.

ADVERTENCIA

O presente volume, dedicado á memoria do pintor José Rodrigues, poderá talvez ser seguido de analogos estudos sôbre pintores, esculptores, desenhadores, e gravadores portuguezes, se o Publico auxiliar esta primeira tentativa.

Temos a chamar pela nossa attenção as biographias de João Christino da Silva, Thomaz José da Annunciação, Marciano Henriques da Silva, Francisco Vieira Lusitano, Manuel Maria Bordallo Pinheiro, Francisco Pedroso, Vieira Portuense, Josepha d'Obidos, o Morgado de Setubal, Joaquim Machado de Castro, Foschini, Francisco Metrass, o Visconde de Meneses, Domingos Antonio de Sequeira, Antonio e Francisco de Hollanda, Antonio José Patricio, Faustino José Rodrigues, seu filho Francisco de Assis Rodrigues, Fonseca, Joaquim Carneiro da Silva, Joaquim Manuel da Róxa, Pedro Alexandrino de Carvalho, Miguel Angelo Lupi, Victor Bastos, Silva Porto, Soares dos Reis, Sendim, e quantos mais!

Tencionamos entregar a redacção dos diversos estudos a escritores devidamente habilitados, aproveitando tambem obras antigas sôbre estes assumptos.

I

Pego hoje na penna para commemorar um filho illustre da Arte nacional; o talentoso e mallogrado artista nosso contemporâneo, nosso conterrâneo, e amigo de muitos que ainda vivem: José Rodrigues. E' indispensavel fazel-o lembrado, visto como estas gerações ultimas quasi lhe esqueceram o nome, e desconhecem as pesadas tarefas que lhe absorveram a existencia. Falarei pois.

A Academia Real das Bellas-Artes nenhumas obras possue d'elle; os duzentos e tantos retratos que pintou, alguns admiraveis, achamse dispersos, em Portugal e no Brazil; e os seus quarenta e tantos quadros de cavallete, alguns de merecimento elevadissimo, jazem escondidos em poder de particulares ciosos de tamanhas opulencias. A propria reputação de José Rodrigues, tão intensa outr'ora, esmoreceu e descorou; injustiça inconsciente, que é necessario reparar; e uma das mais efficazes e urgentes compensações cabe á Camara Municipal, zeladora nata dos interesses moraes e materiaes da Cidade: compete-lhe assignalar desde já o predio, onde

este eminente pintor viu a luz no pequenino largo de S. Raphael, freguezia de S. João da praça, e o outro onde veio a fallecer. *(Estampa 1.)*

II

Vivia nos fins do seculo XVIII.º e principios do XIX.º Apollinario José de Carvalho, da freguezia de S. Bartholomeu da villa da Castanheira, Patriarchado de Lisboa, filho de Manuel Carvalho e Catherina Rosa do Carmo, e morador na de S. Julião de Lisboa. Em 16 de Novembro de 1814 desposou Anna Maria, filha de Manuel José do Espirito Santo e Theresa Maria, baptisada em S. Miguel do Juncal, Bispado de Leiria, e moradora na parochia de S. João da praça. Tiveram quatro filhos, cuja menção nos não importa agora; e enviuvando Apollinario José, passou em 25 de Dezembro de 1827 a 2.as nupcias com Maria Leonarda, já viuva de Joaquim José do Rosario.

O enlace d'esses dois teve a gloria de brotar em 16 de Julho de 1828 um filho, José, baptisado em S. João da praça a 21 de Setembro seguinte, sendo padrinho José Rodrigues, morador no largo de S. Paulo; tudo gente sisuda, á antiga portugueza, amante das tradições, e cumpridora dos ditâmes da Religião, da moral, e da sociabilidade. Seis filhos nasceram d'este matrimonio.

Entre esses especifíco desde já Agostinho Ribeiro de Carvalho, muito estudioso, muito an-

Est. 1 — LARGO DE S. RAPHAEL
na freguezia de S. João da Praça (Lisboa)

(Photographia de J. A. Bárcia).

cioso de aprender, applicado latinista, e a quem protegeu de um modo commovente o santo Capellão das Freiras do Salvador, o egresso Frei José do Coração de Jesus, tambem protector do desventurado Antonio José Patricio. [1]

Voltando algumas linhas atraz.

Diligenciei saber quem fosse esse padrinho José Rodrigues, cujo nome exacto se perpetuou no afilhado; nada consegui; apenas apurei que em 1820 vivia um José Rodrigues, negociante matriculado, e morador na rua dos Doiradores n.º 50 G.

III

Dos primeiros annos do menino José Rodrigues de Carvalho, assim chamado até á adolescencia, nada consta; mas quem ultimamente o conheceu e tratou, viu no seu porte, na sua probidade, na sua polidez respeitosa, na sua benevolencia natural, a prova clara dos bons e austéros exemplos que lhe deram no lar. Quanto á parte intellectual, sabe-se que desde annos tenros manifestou (como tantos outros illustres pintores) irresistivel pendor para o desenho. Percebendo isso, vendo-o em casa illustrar com figurinhas mais ou menos incorrectas os cadernos e compendios da escola primária, matricularam-n-o os paes na Academia Real das Bellas-Artes.

Tentei saber se na ascendencia paterna ou materna de José Rodrigues se contavam tenden-

[1] Pode ver-se um estudo biographico d'este ultimo pelo snr. Rangel de Lima nas *Artes e Letras*.

cias para Arte, ou havia cultores d'ella; nada consegui; as tradições da familia são mudas a tal respeito. Do moço artista se encontra em poder de sua filha uma académia datada já de 1840. *(Estampa 2.)*

Na Academia encontramos o mocinho, como alumno voluntario no anno lectivo de 1841 para 42 com doze annos, apenas, e admittido a provas em 9 de Outubro de 1841.

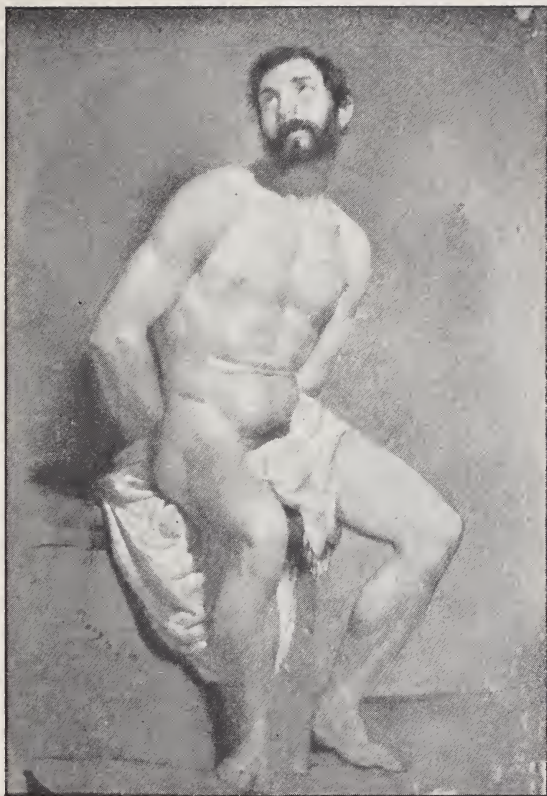
Dá-se aqui uma circumstancia curiosa: este alumno tinha por condiscipulo um homónymo, nada parente, José Rodrigues de Carvalho, como elle, como elle lisboeta, e como elle aspirante a pintor. As confusões que necessariamente occorriam a cada passo, incommodavam-n-os; pelo que, requereu officialmente o meu biographado licença para encurtar o nome, chamando-se apenas José Rodrigues, e deixando o Carvalho, apesar de ser já de pae e avô.

Funccionavam na Academia, aquartelada, como Deus era servido, na espelunca de S. Francisco, várias aulas nocturnas, além das diurnas. Das primeiras sei isto:

a aula de Desenho de ornato era regida pelo septuagenario André Monteiro da Cruz, pintor de paizagem e natureza morta;

a de Desenho historico, pelo Professor substituto Francisco Vasques Martins;

a de Geometria e Architectura civil, pelo habil Professor substituto José da Costa Sequeira, que ainda conheci, parente proximo do grande Sequeira;

a de Modelo vivo, regia-a no 1.º mez Antonio Manuel da Fonseca, Professor eminente de

Est. 2 -- ACADÉMIA
desenhada do natural por José Rodrigues.
Tem a data de 28 de Janeiro de 1840. Este desenho
acha-se em poder da familia do artista

(Photographia de J. A. Bárcia)

Pintura historica; no 2.º, o bom Francisco de Assis Rodrigues, Professor de Escultura; no 3.º, Domingos José da Silva, discipulo de Bartolozzi, e tratado com consideração pelo áspero Raczynski. Era entre nós Professor de Gravura, e eximio desenhador á penna. [1]

Foram de veras aproveitados os estudos do nosso José Rodrigues, visto como no concurso de Desenho historico do anno lectivo de 42 a 43 obteve, com quatorze annos, um partido de 30$000 reis na copia de baixo-relevo, passando a alumno ordinario em 17 de Outubro de 1842.

Na Exposição de obras dos alumnos, em 22 de Dezembro de 1843, figurou o alumno premiado José Rodrigues, com o dito baixo relevo desenhado a dois lapis em papel de côr; representava um grupo de meninos, e foi executado em dimensões menores que o gesso. Além d'este, apresentou tambem o mesmo assumpto em papel branco a simples contôrno.

N'esse anno sahiam premiados Miguel Angelo Lupi, alumno ordinario, com 12 votos; Angelino da Cruz Castro e Silva, tambem ordinario; Antonio José Lopes Junior, com 14; Ernesto Gerard com 12, ambos elles voluntarios. E acrescenta uma antiga Revista:

«Além dos quatro a cima, houve mais José Rodrigues com um anno de estudo, e cujo desenho obteve 11 votos, e que sería premiado se os estatutos da Academia permittissem que se concedessem mais de dois premios aos discipulos voluntarios.» [2]

[1] *Revista Universal Lisbonense* — T. II, pag. 192.

[2] *Rev. Univ. Lisb.*—T. II, pag. 94, art. 1014, de 10 de Novembro de 1842.

Da applicação e do aproveitamento do talentoso lutador de quatorze primaveras, existe em poder de sua digna filha um documento significativo: é uma *académia* a lapis Comté, que revela desusada mestria em tão verdes annos, já no bem lançado da figura humana, já no seu acertado claro-escuro, já na leveza e elegancia dos panejamentos. Reproduz-se photographicamente n'este logar esse precioso desenho de 1842, datado e assignado. *(Estampa 3.)*

Um prémio de 20$000 réis recebeu no anno lectivo de 45 a 46, passando então ao ensino superior na aula de Pintura historica, professor Antonio Manuel da Fonseca.

Na conferencia de 17 de Dezembro de 1846 examinou a Academia o desenho de Modelo vivo e panejamentos pelo esperançoso mancebo, e concedeu-lhe o premio de 20$000 réis. O diploma, hoje em poder da filha do artista, é de 19 de Novembro de 1847, assignado pelo Vice-Inspector Conselheiro João José Ferreira de Sousa, Director geral Francisco de Assis Rodrigues, e Secretario Francisco Vasques Martins.

IV

Innegavel é ter José Rodrigues atravessado os estudos n'um periodo decadente; e entretanto, não é mesquinha vantagem ter tido como professores homens taes como o correcto e classico Assis Rodrigues, e o fogoso Fonseca: Assis, ponderado artista, que por seu pae o escultor Faus-

Est. 3 — ESTUDO DO NU

desenhado por José Rodrigues, aos quatorze annos,
e premiado na Academia
O original existe em poder da familia

(Photographia de J. A. Bárcia.)

tino, e por seu mestre o grande Machado de Castro, ainda remontava as suas tradições a Vieira Lusitano; Fonseca, todo romano, todo romantico, todo raphaelesco, em meio da Lisboa estagnada do Conde de Thomar. *(Estampa 4.)*

Outra gloria e outro incitamento foram para José Rodrigues os condiscipulos que o acaso lhe deu:

João Pedro Monteiro, conhecido pelo «Monteirinho», que em 1843 tinha vinte annos, e cujo lapis, tratado benevolamente pelo severo Raczynski, tão notavel se tornou pela graça e firmeza de toque das suas vistas architectonicas e pittorescas de egrejas e monumentos;

Metrass, o perito, o sentimental, o mallogrado Metrass, tão fino no trato, moço então de dezanove annos;

o meditativo Annunciação, que orçava já pelos vinte e quatro, e em quem ninguem rastrearia ainda, talvez, o paizagista e animalista que veio a ser;

Joaquim Pedro de Sousa, uma esperança para a arte da Gravura, que estudou em París com Henriquel Dupont;

Antonio José Patricio, infelicissima criatura, a cujo incontestavel talento dedicou o snr. Rangel de Lima, que o conheceu, um sentido artigo biographico publicado nas *Artes e Letras;* [1]

e outros, emfim, que deixo de enumerar.

Por este tempo, verdade seja, desenvolvera-se o estro e o saber do nosso Rodrigues. Os applausos dos condiscipulos, os premios pecuniarios nos concursos, e a medalha de oiro no certame trien-

[1] N.º 9 da 3.ª serie—pag. 139 e seg.

nal de 1849, tudo isso o animou, o incitou, e deu azas ao seu talento.

Essa medalha, que as mãos da Rainha, a senhora D. Maria II, lhe lançaram ao pescoço, commoveu-o de tal modo, que ao voltar a casa, depois da sessão solemne, vinha n'um estado de perturbação nervosa indefinivel. Fechou-se no seu quarto, recusou todo o alimento, chorou, chorou, e quando tornou a apparecer aos seus vinha pallido e desfeito como um cadaver.....
....

V

Entre as suas tentativas primarias figura um bello desenho a dois lapis, retrato d'elle proprio aos dezanove: rosto juvenil e imberbe, olhos brilhantes de mocidade, e, como signal de acriançada extravagancia, uma especie de turbante com pluma. É optima a execução d'esta cabeça copiada ao espelho, e bem tratada até nos ultimos pormenores. *(Estampa 5.)*

Outro retrato deixou de si o artista; é um vigoroso quadro a oleo, que parece querer lembrar algum collega seu do seculo XVI.°: pescoço á vela emmoldurado em collarinhos desabotoados e descahidos, capa negra, e gorro. *(Estampa 6.)*

¡Que differença d'esses devaneios cheios de pujança, para a physionomia cançada e triste do bom José Rodrigues nos derradeiros annos!!

Não se limitou porém a retratar-se a si mesmo: são dos seus dezoito os primeiros dois retra-

Est. 4 — GRUPO DE ARTISTAS

No 1.º plano sentados, da esquerda para a direita: José Rodrigues, Antonio Manuel da Fonseca, Francisco Augusto Metrass.—No 2.º plano: João Christino da Silva, F.. , e Antonio Victor de Figueiredo Bastos.

(Photographia de J. A. Bárcia).

tos pintados já como technico, e por encommenda, em 1847; não os conheço; sei apenas que representavam D. Maria Rita de... e José de Sousa, nomes que nada nos dizem hoje.

No correr de 1848 já pintou sete retratos; entre elles o de Joaquim Bento Pereira, o célebre e valentissimo Barão do Rio Zêzere, e o da senhora que estava para ser sua mulher, e o foi, D. Joaquina Lucia de Brito Velloso Peixoto.

No fim do meu opusculo darei a lista, tão completa quanto me fôr possivel, das numerosas obras do mestre.

VI

Se a necessidade de ganhar a vida e tornarse conhecido lhe impunha, como caminho unico, o pintar retratos de gente quasi indifferente ao Publico, pela maior parte, bem devemos reconhecer, com grande pena, que o enveredar por essa carreira espinhosa e arida deveu doer muito a quem, como José Rodrigues, phantasiava encommendas de Medicis, sentia na alma o fogo criador, e julgava poder abalançar-se a obras de cunho, que o fizessem immortal.

Sim, deveu padecer horrores um moço como elle, esporeado já da nobilissima vaidade innata em toda a alma de artista, ao ver-se agrilhoado (e Deus sabia por quanto tempo) á tarefa diaria, inglória, e obscura, de reproduzir as feições de uma população anonyma de Lisboa, do Maranhão, ou do Rio de Janeiro.

E o mais triste é que, quando a fama do ju-

venil retratista se ia expandindo, affluiam as encommendas banaes, inutilisando-lhe o tempo para estudos sérios que o desenvolvessem. Viu Rodrigues desfilar então na sua modesta officina uma turba-multa de endinheirados, que mal pagavam a tela, as tintas, o tempo, e os sacrificios obscuros e resignados do operario.

Em 1859 escrevia o *Archivo Universal:*

«Como pintor de retratos, continúa a ser o snr. José Rodrigues o artista mais acreditado entre nós. Nas exposições públicas todos teem visto e notado a sua grande tendencia para este genero de pintura tão apreciavel.» [1]

E note-se: quando lhe davam sessões de modelo, ainda o caso não era de todo máu, e tinha, a final de contas, o seu lado vantajoso; mas... ¡quando só vinham photographias pessimas do Pará ou de Vianna do Minho, e praso marcado!! ¡Pobre artista! ¡o que elle padeceu!...

Parece que pintando tanto como pintou, devia ter juntado um certo peculio; pois não juntou, nem podia; os lucros eram mesquinhos, e incertos; a mantença da casa era constante; e Lisboa encarecia a olhos vista.

Mesquinhos — disse eu; e disse bem. Receber 10 ou 12 libras por um retrato, onde o pintor pôz tanto do seu talento, do seu saber, do seu capital de experiencia accumulada, e do seu fluido nervoso, é triste, e quasi ignobil; no emtanto... era assim.

¡E que áspera e difficil não é a tarefa do pintor retratista, quando quer deixar obra de nome! Além de profundos conhecimentos da te-

[1] T. I, pag. 300.

Est. 5 — JOSÉ RODRIGUES AOS 19 ANNOS

Retrato desenhado por elle proprio.
Pertence á sua familia

(Photographia de J. A. Bárcia)

chnica, é indispensavel o don da observação, o apanhar de relance o movimento caracteristico do modelo, o saber observar-lhe a alma. Pintar parecido não basta; é preciso representar o que se vê, que são as feições, e o que se não vê, mas se adivinha, que é o espirito. No retrato perfeito brilha aos nossos olhos o physico, e domina-nos o moral do retratado. Por isso se apontam na legião dos retratistas um só Rubens, um só Van-Dick, um só Laurence, um só Gainsborough, um só Reynolds, um só Lembach, e um só Raeburn, o divino. Esses homens tinham recebido do Ceo a arte suprema, o segrêdo indefinivel, de incutir ideia, pensamento, linguagem, ás suas telas.

Por isso tambem, muitas obras d'elles vivem nas galerias uma vida intensa, que não finda; e, embora não conheçâmos os originaes de algumas, subjugam-nos pela sua expressão flagrante de verdade e intelligencia.

Mas.... na nossa descuriosa Lisboa de 1849 ou 50, quem encommendava retratos, geralmente, era uma classe, para quem a semelhança do rôsto, a parte physica, era tudo, e a parte esthetica e artistica era nada; para quem a reproducção exacta dos accessorios, moveis de familia, velludos, sedas, joias, era talvez um dos fins principaes da vaidosa encommenda. A critica d'essa gente, que se extasia perante uma pulseira bem copiada, perante uma Commenda que brilha muito, confrange o estro, e limita cruelmente as faculdades criadoras do pintor Basta ás vezes a conversação de taes modelos, para despoetisar um Vieira ou um Sequeira.

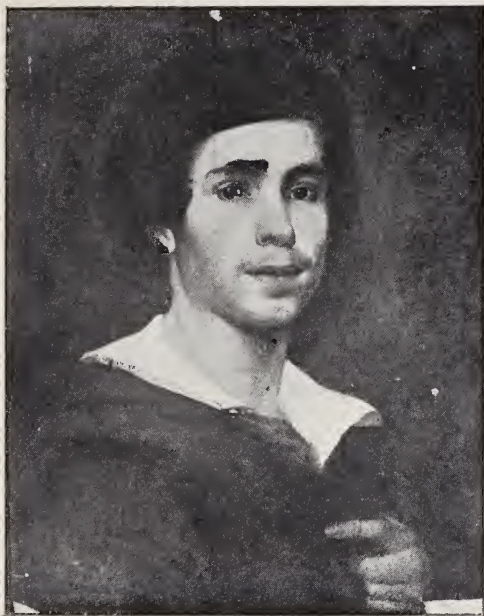
Foi Poussin denominado o pintor dos *intel-*

lectuaes; Van-Dick, o pintor dos *grandes;* Madrazo, o das *mulheres.* Ora não é de crer que os retratados de qualquer d'elles amesquinhassem artistas d'essa estatura com criticas ignorantes, com exigencias microscopicas, mais proprias do vil desejo de inutilisar, do que da nobre ancia de fecundar o genio. Entre nós não era assim; a posição do modelo era imposta, imposto o trajo, imposto o accessorio. De um sujeito sei eu, que estranhava que o retratista hespanhol Sanchez Ramos lhe não pintasse na farda o bordado que lá estava atraz entre os botões do cóz; e outro ficou furioso, porque uma sombra convencional, habilmente preparada, projectava um escuro sobre a nitidez da calça de casimira branca. ¡ E o pintor tem de responder a dislates d'esta fôrça, e ceder!....

Está o retratista imaginoso a perceber que tal physionomia pede um fundo escuro, vago, ardente; esboça-o assim; mas o modelo e os parentes reprovam-n-o, e querem um fundo claro, tendo em distancia certo relogio de parede com que foram criados, e que pertencia ao avô. E o pintor desfaz a mancha, e pinta o relogio.

Um vestido de tons gritadores, com que uma senhora tem empenho em ser retratada, pede como abafador uma velatura de sepia ou terra de Sienna queimada, que lhe disfarce a crueza; mas o modelo e os parentes insurgem-se contra essa tinta, a que chamam suja.

E mil casos como estes.

Alem de tudo, são muito mais crueis e incertas as vicissitudes da curta existencia feliz de um retrato burguez, do que as do quadro historico ou religioso.

Est. 6 — JOSÉ RODRIGUES AOS 20 ANNOS

Quadro a oleo
por elle proprio, em poder da familia

(Photographia de J. A. Bárcia)

O quadro apega-se ao edificio para que nasceu, e vive dezenas de annos, e até seculos, no salão senhoril ou no altar onde o collocaram.

O retrato, encommendado com empenho, recebido com alvorôço, pago a pêzo de oiro, vê morrer a familia, extinguir-se o seu original, torna-se um anachronico, um indifferente, um importuno, e o seu ultimo theatro é o basar do adello, ou as barracas da feira da ladra. Se o não salva uma pericia excepcional de pincel, é um morto. ¡Ainda se tivesse nome! mas não tem. ¡Quantos paineis são hoje conservados nas galerias, apesar de não se saber quem representam, só por serem de um mestre! Retrato de *uma dama da côrte*, *O rapaz da luva*, *O fidalgo do pellote azul*, etc., são epitaphios que lhes põem os catalogos.

Ora, com todos os seus contras, e todas as suas vantagens tambem, a pintura de retrato já tinha empolgado a José Rodrigues, e o Público de Portugal e do Brazil abarrotava-o de encommendas. Quatro telas pintou em 1849, fixando physionomias mais ou menos semsabores; mas (diga-se em sua honra) sem deixar de labutar em composições de certo vulto. Demonstra-o o diploma de 30 de Dezembro de 1852, em que a nossa Academia declara que, tendo na conferencia de 30 de Agosto de 1849 examinado o quadro, que não conheço, *Apparição do Anjo S. Gabriel ao propheta Daniel*, concede ao autor a invejada medalha de oiro.

VII

O anno de 1852 produziu-lhe dôze retratos, ou mais. O catalogo da Exposição de 30 de Dezembro d'esse anno diz ter Rodrigues apresentado:

retrato de S. E. o Duque de Saldanha;
outro do Visconde do Pinheiro;
outro de D. Maria José Couceiro Stamp;
outro do Official de Marinha José Bernardo da Silva;
outro do Inglez M. John Scott Howarth;
outro de Flamiano José Lopes Ferreira dos Anjos; e um quadro original *Um mendigo.*

Na lista do proprio autor veem referidos a esse anno os do General José Frederico Pereira da Costa e de sua mulher, os de seu irmão e sua cunhada o Visconde e Viscondessa de Ovar, o do Dr. Dias de Oliveira, irmão do Conde de Podentes, e o do engraçado artista e bom companheiro de artistas, José Daniel Colaço, depois Barão de Macnamára, Consul geral e Ministro de Portugal em Tanger; retrato, que me dizem estar hoje em poder do snr. Francisco de Araujo e Couto.

Est. 7—O DUQUE DE SALDANHA
quadro de José Rodrigues, lithographia grande
do mesmo

(Photographia de J. A. Barcia.)

Est. 8 — GRUPO DE ARTISTAS
E FUNDADORES DA SOCIEDADE PROMOTORA
DAS BELLAS-ARTES

No 1.º plano, sentados: da esquerda para direita: Manuel Maria Bordallo Pinheiro, José Rodrigues com uma pequenita junto a si; o venerando Francisco de Assis Rodrigues com as suas cans e a sua physionomia escultural; o Marquez de Sousa-Holstein, Vice-Inspector da Academia; em baixo Tomazini; um que não conheço, com um chapeo de palha; Carlos Krus; José Gregorio da Silva Barbosa.

No 2.º plano, em pé: da esquerda para a direita: José Ferreira Chaves, Francisco Rangel de Lima com um braço encostado ao hombro do antecedente; Francisco Lourenço da Fonseca; Joaquim Nunes Prieto; Joaquim P. de Sousa; o medico cirurgião José Maria Alves Branco; Zacharias de Aça, e Camarate.

(Reproducção por J. A. Barcia de uma antiga photographia.)

VIII

Bastou o nome de Colaço para me lembrar o rancho alegre e bohemio de artistas, pintores, esculptores, caricaturistas, e até amadores sem cotação, que se reunia por esses descuidosos annos, ora n'um café, ora n'um restaurante, ora no saudoso Passeio publico do Rocio, ora n'alguma excursão ruidosa a Queluz ou Cintra: academia de romanticos exaltados (como então eram todos os rapazes), bons amigos, namorados fieis, optimos companheiros, para quem um dia bem passado entre sombras era a delicia innocente que melhor os satisfazia. Todos com pouco dinheiro, mas todos com muito talento e muita pilhéria. Cada um, no fim de uma d'essas passeatas á Pimenteira ou a Algés, em cavalgadas de burrinhos, ou francamente a pé, trazia mais oxygenio nos pulmões, e mais alguns esbocetos no album.

Não frequentei o grupo: era novo de mais; nem conheci então estes bons artistas; falo por informações colhidas por 1874 no trato de Christino.

Eram elles:

Metrass, fino, débil, sentimental, com seus quês de aristocráta nos usos e nas tendencias;

Christino, o pujante Christino, talvez a vocação artistica mais exuberante de todo o grupo (segundo pensava Prieto), mas em parte inutilisado pelo excesso mesmo das suas qualidades;

Victor Bastos, um tanto altivo, com o seu

Est. 9 — RUA DOS BACALHOEIROS

A habitação do pintor é o 3.º andar da 2.ª casa a contar da direita

(Photographia de J. A. Bárcia).

perfil de antigo cavalleiro das cruzadas, e a justa confiança n'um porvir de glória;

Annunciação, o Virgilio bucolico da palheta portugueza, o sentimental e vibrante animalista, o profundo devaneador;

Bordallo Pinheiro pae, grande talento assassinado a retalho pela burocracia, mas companheiro precioso em sociedade, desenhador, cantor, dançarino, um enthusiasta como tenho visto poucos;

Colaço, já mencionado;

e além de outros, certamente muito escolhidos, o nosso bom José Rodrigues, ainda quasi alegre, ainda bom commensal, ainda apaixonado por uns olhos negros ou uns olhos azues, mas em cujo sorriso vago e saudoso despontava já o melancolico dos ultimos annos.

IX

N'estas pequeninas cohortes de artistas militantes ha sempre uns adventicios, uns curiosos de Arte, annexados ao farrancho. A indole leva-os para as lidas do desenho, mas a vida afastou-os do tirocinio. Não teem o saber; teem apenas o gôsto; extasiam-se com delicias perante uma paizagem, mas não a sabem expressar. Como lêmos quatro criticos estrangeiros.... (deixem-me empregar esse *tempo* e essa *pessoa* do verbo) permittimo-nos commungar nas discussões dos profissionaes, expressamo-nos em tom doutoral, falamos de claro-escuro e de linhas estheticas,

discutimos com esses homens como de eguaes a eguaes. Em summa: não fazemos mal a ninguem, e gosamos n'esta convivencia intellectual, que nos nobilita aos nossos proprios olhos.

Entre esses curiosos, ou *amadores*, que então seguiam a milicia artistica da Academia, sem lhe pertencerem, figurava o alegre Francisco Barreto Sardinha, rapaz nobre e rico, amigo de todos os do grupo, e perpetrador, mais ou menos convicto (em todo o caso inoffensivo), de algumas telas de paizagem e figura.

Tinha ahi não sei onde uma casa alugada, apropriada para officina de pintura, e gastava horas.... a gastar tintas. N'esse poiso recebia em dias certos a companhia, que era numerosa; dava luz, papel, bisnagas de aguarella e de oleo, telas, pinceis, modêlo vivo; e o que elles lá produziam, no meio da conversação picaresca, e entre gargalhadas cheias de mocidade, ficava propriedade d'elle. Encheu um enorme album.

Ao nome sympathico de Francisco Barreto ligam-se duas anecdotas muito authenticas, que ouvi em primeira mão, e que não resisto a contar aqui. Uma passou-se com Christino; a outra pertence ao meu biographado. Vâmos por partes.

X

Uma irman de Francisco Barreto, senhora muito religiosa, casada depois com um dos homens que mais evidencia alcançaram na politica da nossa terra, era muito ligada com as Freiras

Est. 10—O CEGO RABEQUISTA

quadro a oleo

(Photographia de J. A. Barcia).

de certo convento de Lisboa. Estas boas monjas, sabendo que o irmão da sua amiga era pintor, e d'isso se ufanava, intercederam com ella para que elle restaurasse uma Veronica pintada a oleo, quadro antigo e devoto que tinham no côro, mas infelizmente muito estragado. Despegava-se-lhe a tinta, e o pano ressequido, engelhado, e meio sôlto da grade, estava mesmo a exigir contratela.

A irman pediu a Francisco, e elle prometteu com mil vontades ser agradavel áquellas santas enclausuradas, que assim o lisonjeavam nas suas veleidades de pintor. Chegou do convento o pequenino quadro embrulhado em toalha de folhos, e Barreto metteu mãos á obra. Pregar a tela e retezal-a com quatro taxas foi facil; o restauro propriamente dito é que era obra mais séria.

Por acaso entrou Christino, viu, foi consultado, e disse:

— A primeira coisa é lavar a tela, que está sujissima com o pó monastico de dois seculos e meio. Manda tu vir uma pouca de potassa, dilue-a em agua, e lava de vagarinho a face do quadro. E olha que não é mal pintado, não; quem fez isto entendia da poda. Lava, e depois de amanhan cá appareço para te dirigir, e procurarmos a tinta exacta para encher estas falhas. ¿Ouviste?

Francisco Barreto, animadissimo, e cheio da confiança absoluta dos principiantes, mandou vir a potassa; mas como não sabía a dóse carregou-lhe a mão; e quando começou a esfregar a Verónica, viu com terror que toda a tinta se lhe derretia, e desapparecia da tela. Estremeceu, arrepelou os cabellos, disse mal á sua vida, e escreveu a Christino logo logo:

«Amigo Christino, acode-me por quem és.
«Estraguei de todo a Verónica. Estou perdido.
«¿ Que dirá minha irman?»

Christino correu ao chamamento, e viu a ruina fatal da devota pintura. Mas Christino não era sujeito que desanimasse. Cortou sem demora outra tela egual, pregou-a habilmente na mesma grade, e disse:

— O que nos vale é ter eu visto o que lá estava; vou reproduzil-o; não te assustes, Chico.

E pegou nos pinceis, e pintou uma Verónica tão egual á outra, tão linda, que as boas Freiras exultaram, enguliram a pilula, e abençoaram a pericia e o talento... do irmão da sua boa amiga.

XI

O outro caso é este:

Francisco Barreto amava uma virtuosa menina, cuja conversação lhe era summamente agradavel, mas a quem só de longe em longe encontrava nas reuniões que frequentava.

Com o machiavelismo dos amantes, planeou (de accôrdo com a dona dos seus pensamentos) tirar-lhe o retrato, para fazer uma surpreza ao pae da menina. A mãe approvou, e prontificou-se a acompanhar duas vezes por semana sua filha ao *atelier* do improvisado pintor.

¡ Pintor!? elle bem calculava que nada conseguiria, porque pintar um retrato do natural é das coisas difficeis, até para profissionaes. ¡ Mas era tão seductora a ideia de passar com ella, só

Est. 11—ALMA VOANDO AO CEO

tecto da ermida do cemiterio dos Prazeres

(Photographia de J. A. Bárcia).

com ella, sob as azas da mãe, duas horas de dias a dias, que fez tenção firme de realisar impossiveis!

Ajustou hora; chegou a suspirada manhan. Francisco Barreto aguardava ancioso, com a tela no cavallete, e a palheta a rutilar a escala chromatica das tintas; vai senão quando, o rodar da carruagem lhe annunciou as duas amaveis senhoras. O rapaz, com um delicioso apêrto de coração, correu a abrir, installou-as com mil amabilidades, collocou o modelo em boa luz, e começou a atirar para cima da tela um verdadeiro cahos de bisnagas inglezas.

O meu leitor não sabe uma coisa, e eu vou cometter a inconfidencia de lh'a delatar: conhecendo a pericia de José Rodrigues no apanhar as semelhanças, tinha-se Barreto entendido com elle, e planeado a intriga mais extraordinaria do mundo; foi isto:

N'um gabinete contíguo á officina achava-se Rodrigues, muito calado, espreitando pela fechadura, e tomando apontamentos da physionomia da menina, durante todo o tempo em que o amigo, fingindo que pintava, passava umas horas agradabilissimas com as suas hóspedas.

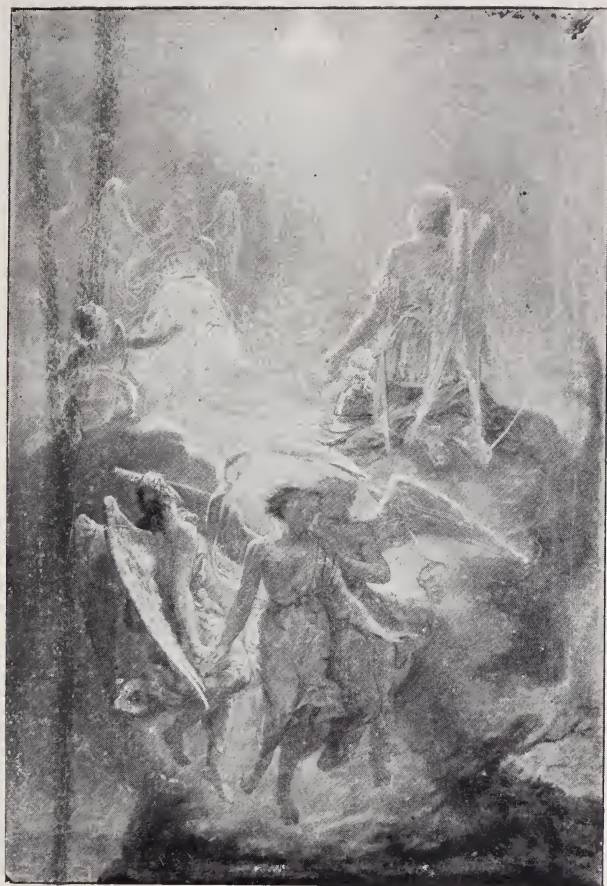
Apenas ellas sahiam, limpava-se a tela, e José Rodrigues reproduzia só de reminiscencia o que estivera vendo. Na seguinte sessão recomeçava a comedia; e o retrato concluiu-se com espanto da mãe, gratidão do pae, e grande risota da menina. Estava um primor. ¡Oh mocidade!!...

XII

D'esta convivencia deviam existir muitas mais memorias, memorias interessantissimas, que não conheço. Infelizmente já todos desappareceram, e não tenho quem venha narrar pormenores de um viver tão alegre. O quadro *Cinco artistas em Cintra,* por João Christino da Silva, é o derradeiro lampejo d'esses annos doirados. N'aquella tela de 1855 figuram: Thomaz José da Annunciação, Francisco Metrass, Victor Bastos, José Rodrigues, e o proprio Christino. Pertenceu a el-Rei D. Fernando.

O anno de 1851 deu a José Rodrigues 11 retratos; o de 1852, 12, e entre elles um grande do Marechal, a que já alludi, e que depois, em 1855, lithographou; é magnifico; mas como não sei onde pára o de oleo, reproduzo aqui a litho graphia. *(Estampa 7.)*

1853 deu-lhe 3 retratos; 1854, 9; 1855, 11, e alem d'esses o quadro do *Cego rabequista,* adquirido por el-Rei D. Fernando. O anno de 1856, 7 retratos; o de 1857, 11; o de 1858, 7, o de 1859, 6.

No *Archivo Universal,* de 9 de Maio de 1859, escreveu o gravador e professor da Academia Joaquim Pedro de Sousa uma Revista artistica de 1858, onde aprecia Rodrigues com elogio, e cita como feitos n'esse anno os retratos de S. Em. o senhor Patriarcha, de Azevedo e Moura, e do mallogrado medico Gonçalves, pintado de reminiscencia.

Est. 12—ANJOS EM ADORAÇÃO PERANTE A PROVIDENCIA

(Photographia de J. A. Barcia).

Gonçalves era um bom, e um amigo dos rapazes da estudantina scientifica e artistica de Lisboa; cirurgião apenas sahido da casca, portara-se com inexcedivel dedicação na derradeira doença do grande poeta Visconde de Almeida Garrett; e na febre amarella de 1857 expôz-se com tanto denodo e tamanha valentia no tratamento dos pobres, que succumbiu no campo da batalha. ¡Gloria ao heroe!

Não havia retrato d'elle; Rodrigues, seu amigo, fixou-o de memoria na tela, e dizem ficou parecidissimo. Milagre do talento.

E assim chegamos a 1860.

Na *Revista contemporanea* do 1.º de Março annuncia-se a apparição do retrato d'elRei D. Pedro V, destinado ao gabinete da praça do Commercio; em Outubro, a do grande retrato da senhora Condessa do Farrobo, D. Maria Magdalena Pinaud vestida á Luiz XV, o qual hoje pertence a uma sua filha. Em Dezembro, finalmente, o mesmo periodico annuncia para breve a conclusão do bello retrato do Conde de Porto-Covo da Bandeira vestido com os arminhos de Par. Tudo obras grandes e valiosas, que iam acrescentando a cotação intellectual do eminente pintor.

Além d'essas, mais quatro ou cinco telas pintou n'esse anno.

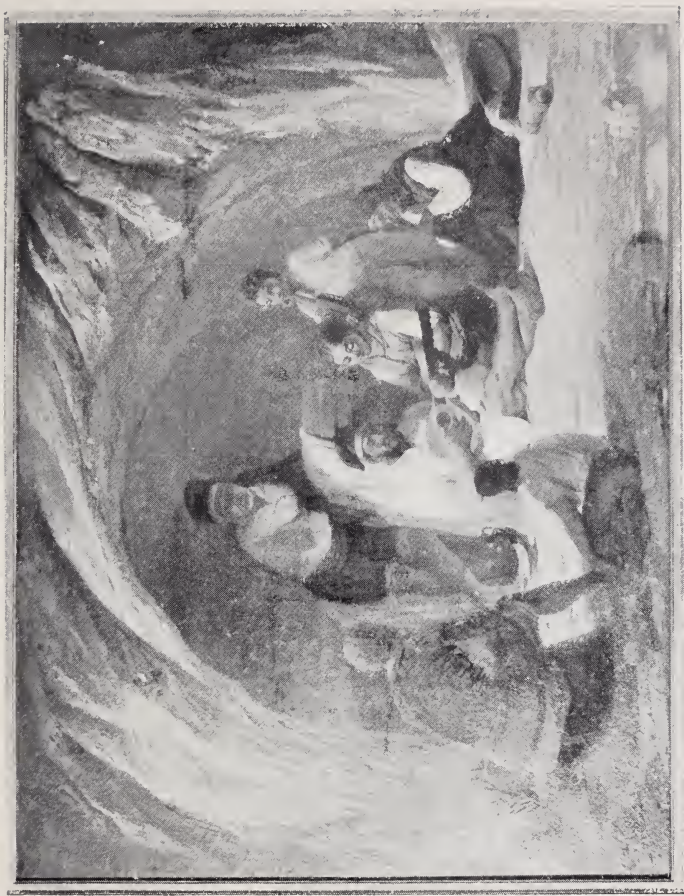
XIII

Em 1861 recebeu-se em Lisboa, da parte do Gabinete Portuguez de Leitura, do Rio de Janeiro, a encommenda de um retrato bom de Alexandre Herculano, por José Rodrigues, para a sala das sessões.

Foi encarregado Antonio da Silva Tullio de parlamentar com o grande historiador, a fim de obter a sua annuencia, e sessão de modêlo. Herculano, absorvido nos seus trabalhos, e renitente a estas exhibições, resistiu quanto poude, prometteu, pediu adiamento, quiz eximir-se, mas a final, passadas semanas, foi vencido e rendeu-se.

Restava fixar a occasião. José Rodrigues tinha declarado que a melhor hora na sua casa, n'aquella estação, Maio ou Junho, era o meio-dia. Depois de renhida luta, ainda tornada mais renhida pela enorme distancia entre a Bibliotheca de S. Francisco e a da Ajuda, alcançou Tullio que o mestre marcasse prazo. Foi logo avisado Rodrigues.

Rodrigues, muito pontual sempre, e sabendo quanto as horas do ermitão do *reguengo d'Algés* eram preciosas, achava-se pronto desde manhan, com a palheta carregada, a tela armada, e collocada a geito a poltrona para o modêlo.

Deu meio-dia, e nada. Passou a 1 hora, as 2, as 3, e Herculano brilhava pela sua ausencia. Ao bater das 4, quando o pintor, já exhausto de tanta espera, sentia os nervos n'uma exaltação doentia, e tinha impetos de limpar a palheta e

Est. 13—PESCADORES CANTANDO E TOCANDO N'UMA GRUTA AO REZ DA PRAIA

Pertence a Francisco Parente da Silva

(Photographia de J. Barcia.)

rasgar o painel, bate-se á porta, e apparece Herculano acompanhado de Tullio. Feitos os comprimentos de apresentação, sentou-se o illustre escriptor; o seu pintor concentrou um resto de energia, traçou a carvão o primeiro esbôço, e começou.

Tudo ia muito bem, quando Rodrigues, com a alma toda ali, foi vendo a pouco e pouco Herculano descahir, inclinar a cabeça, e adormecer profundamente. A posição era outra; a luz baixava; o desespêro do artista não se descreve. No silencio d'aquelle gabinete, trocando gestos mudos com o bom Tullio, ouvindo roncar a somno solto o peregrino autor da *Abóbada,* em vez de o ouvir conversar, já sem ânimo para o acordar, e sabendo que não poderia alcançar mais sessões... fez o que humanamente poude fazer: atamancou o esbôço, que depois foi continuando sósinho, e concluiu com o auxilio de outros retratos em gravura ou photographia.

Observação muito verdadeira: se é difficil pintar um bom retrato, tambem não é muito facil ser bom modêlo. Para isto não basta ser o primeiro historiador da Peninsula, e autor do *Eurico* e do *Monge de Cister;* requer-se, não direi mais, mas diverso.

Essa obra de Rodrigues (saiba-o o Gabinete Portuguez) é um prodigio, de pericia, de perseverança... e de furia.

Em Junho de 1861, a chronica da citada *Revista contemporanea* conta achar-se a pintura em bom andamento.

Tullio ria a perder quando nos narrava este desastre glorioso. Rodrigues é que decerto não ria.

Fosse como fosse, ia-se em geral reconhecen-

do quanto valia o illustre pintor lisbonense, com o seu desenho sempre correcto, o seu colorido limpo, brilhante, e a sua arte de tratar os accessorios sem perturbar a ordem da composição. Na Exposição d'esse mesmo anno de 1861, promovida pela benemerita Associação Industrial Portuense, obteve *medalha de prata com distincção,* pelos quadros que apresentou, e que não sei quaes fossem.

XIV

Não me lembra quando comecei a conhecel-o; sería por 1861 ou 62, na efervescencia do pensamento artistico, e quando todos os espiritos, mais ou menos orientados para o Bello, conviviam na criação de sociedades de pintura. Houve com effeito por esse tempo um enthusiasmo, que pareceu galvanisar a Academia e os seus adherentes.

Era Vice-Inspector o talentoso, culto, e bem intencionado Marquez de Sousa-Holstein; trabalhavam com elle na mesma faina o bom e *académico* Assis, e outros velhos, representando a tradição, junto com artistas cheios de mocidade, que personificavam o Portugal novo: Bordallo Pinheiro pae, José Ferreira Chaves, que tão alto subiu como retratista, Francisco Rangel de Lima, chronista e amigo d'elles todos, o excellente e virtuoso Joaquim Nunes Prieto, o gravador Joaquim Pedro de Sousa, o talentoso critico de Arte Zacharias de Aça, Carlos Krus, Francisco

Est. 14—SALOMÃO RECEBENDO A VISITA DA RAINHA DE SABÁ

Pertence ao sr. Francisco Parente da Silva

(Photographia de J Barcia.)

Barreto, Barbosa, do Chiado, o medico Alves Branco, Camarate; e emfim, todo elle coração e alma, o meu biographado, este bom José Rodrigues, de quem os annos e os trabalhos tinham feito, aos trinta e tres ou trinta e cinco de edade, um melancolico, um desalentado precóce. *(Estampa 8.)*

O decreto de 11 de Junho, e a carta régia de 8 de Agosto de 1861, approvam e confirmam os estatutos da nova Sociedade promotora das Bellas-Artes; assigna a carta el-Rei D. Pedro V, de saudosa memoria, e referenda-a o Duque (então Marquez) de Loulé.

Deu na vista essa faina desusada. Cada exposição era uma festa, a que toda a gente concorria uma e muitas vezes, apreciando, analysando, tornando a analysar, cada quadro, cada escultura, cada gravura, dando parabens aos juvenís autores, e fazendo-lhes gosar em primeira mão as acclamações da sua glória.

Nós outros, os que então eramos a geração nova, não estavamos habituados áquelle espectaculo, que parecia valer bem mais que uma soirée de dança em casa da senhora Condessa de tal, uma illuminação no Passeio, uns cavacos no Marrare, ou uma toirada no Campo de Sant'Anna; achavamo-nos felizes entre tantos quadros vistosos e sentidos.

Annunciação apresentava as suas paizagens ribatejanas, de horizontes tão vastos e vaporosos, e os seus boisinhos tão bem expressos e tão firmes de toque; Tomazini, as suas marinhas; Christino, os seus quadros campestres tão vigorosos na côr como a sua alma enthusiasta; o bom e sisudo Pedroso, as suas correctas e vigorosas

marinhas, que sabiam encantar os marinheiros professos; Bordallo Pinheiro pae, aquellas preciosas tentativas á Meissonier, que fixaram a sua maneira definitiva. Os moços concorriam com os antigos; e todos elles, incitados pela animação do Publico, iam compondo quadros novos, e terminando o que jazia incompleto por falta de estímulo. Aquelles colhiam fartos loiros n'estas justas incruentas; estes calçavam então as esporas de cavalleiro.

E vinham tambem os do Porto: os dois Corrêas, o Resende, e outros, recebidos de braços abertos.

E vinham tambem estrangeiros moradores em Lisboa: Rivière, Leyraud, La Serre, e mais, de que me não lembro.

E chegavam de Roma alguns valentes companheiros: Miguel Lupi em 6 de Novembro de 1863, Marciano Henriques em 27 de Dezembro [1].

Sim; era um regalo intellectual muito intenso aquella romaria ás salas de S. Francisco; ahi estão os catálogos a dar as obras expostas, e ahi vivem ainda alguns raros dos frequentadores, para quem essas listas de nomes e quadros são cemiterio e são saudades. Depois, os jornaes falavam, os criticos emittiam o seu parecer, ás vezes severo, os autores discutiam, preparandose para perseverar no bem, ou emendar erros no anno seguinte.

Em taes alardos a apparição de obras de José Rodrigues era sempre acontecimento dos mais agradaveis; e quando elle expunha um grande

[1] Datas colhidas no interessante *Annuario* de Sousa Telles.

Est. 15—A CIDADE DE LISBOA

Tecto da sala da Camara Municipal de Lisboa

(Photographia de J. A. Barcia.)

e bello retrato, muito cuidado, com o seu colorido ticianesco, a sua probidade meticulosa de execução, e a sua semelhança photographica, ninguem diria que uma tal obra vasta e luminosa, tão brilhante e cheia de mocidade e distincção... tivesse nascido na rua dos Bacalhoeiros.

XV

A rua dos Bacalhoeiros, em plena Baixa pombalina, é uma das artérias urbanas mais prosaicas, mais rumorosas, mais semsabores, mais chatas, da Peninsula ibérica. Pois ahi mesmo é que morava, por ironia da sorte, aquelle pintor, cuja palheta rutilava sol como a alma d'elle. *(Estampa 9.)*

Conheci-o primeiro n'um predio pegado com o lado oriental da Casa dos Bicos; ahi estive um dia; depois mudou-se para a proxima rua dos Bacalhoeiros, n.º 125, 3.º andar, onde o visitei varias vezes, e onde a maior parte das suas producções foram meditadas e compostas.

A officina sempre em desordem, e allumiada de uma só janella para a rua, era como todas as officinas: um cahos, em que o dono acha muita ordem. No de mais, nem objectos raros, nem mobilia sumptuosa, nem a elegancia um tanto ostentosa do estudo de Lupi. Apezar do seu aspecto de feira-da-ladra, d'ali sahiram tantas paginas notaveis, que basta a lista d'ellas para assombrar.

Além de duzentos retratos, foram trinta e

seis os quadros, e alguns de avantajadas dimensões. Eil-os:

O *pobre da pucara.* Foi adquirido por el-Rei D. Fernando.

O cego rabequista, composição interessante, hoje pertencente ao snr. Ayres de Campos. Reproduz-se aqui, para fazer apreciar o fundo sentimento d'essas tres lamentaveis figurinhas. Tornou a apparecer aos olhos do Publico este quadro, como uma resurreição, entre obras de artistas fallecidos, na Exposição do Gremio Artistico em 1898 [1]. *(Estampa 10.)*

O malmequer; pertenceu á senhora D. Maria Rufina Iglesias.

Os peixes.

Penhascos da Mancha; pertenceu ao 1.º Marquez de Sousa-Holstein.

O guarda da linha ferrea; ao mesmo.

Scena oriental.

Dois marroquinos em repoiso.

O antigo vendedor de agriões em Cintra; pertenceu a el-Rei D. Luiz.

O rapaz pedinte; ao mesmo senhor.

A sésta do porco.

Os patos na levada.

A recusa; quadro de costumes da edade média; pequenas dimensões.

A cosinha.

---

[1] Existe o *Catalogo illustrado* da Exposição extraordinaria do Gremio Artistico, habilmente redigido, com mil noticias minuciosas interessantes, pelo talentoso D. José da Sylva Pessanha, Conservador do Real Archivo da Torre do Tombo, e meu velho amigo, a quem devo o exemplar que possuo.

Est. 16—S. M. A SENHORA D. MARIA II

(Photographia de J. A. Barcia.)

A camponeza; pertenceu a el-Rei D. Luiz.
O jantar do varredor.
O sapateiro.
Tarde de inverno.
O aguaceiro.
Os salteadores na caverna.
A ceia dos salteadores.
Os cisnes; pertenceu a Francisco Lourenço da Fonseca.
O pôr do sol: pertence ao snr. Francisco Parente da Silva.
A camponeza.
A criada; pertenceu a Carlos Relvas.
O cosinheiro; ao mesmo.
Margens do Tejo proximo a Santarem; pertenceu a el-Rei D. Luiz.
Nossa Senhora da Conceição; encommenda para Guimarães.
Nossa Senhora das Felicidades; pertenceu á senhora D. Maria Rufina de Lima Iglezias.
A madre Theresa do Lado; á mesma.
Flores e frutos; altura $1^{m},09$; largura $1^{m},72$; pertenceu a el-Rei D. Fernando.
Alma voando ao Ceo; encommenda da Camara Municipal de Lisboa para o tecto da capella do cemiterio dos Prazeres. (*Estampa 11.*)
Anjos em adoração perante o symbolo da Providencia; desenho muito leve, a dos lapis, que não consta passasse a quadro. (*Estampa 12.*)
Pescadores tocando e cantando ao abrigo de uma gruta á beira do mar. Parece está em Hespanha. (*Estampa 13.*)
A Rainha de Sabá visitando Salomão; pertence hoje ao snr. Parente da Silva. (*Estampa 14.*)

Tecto da sala do Tribunal do Commercio.

A carta da namorada; pertenceu a Francisco Ricca.

A volta da cidade; ao mesmo.

A cidade de Lisboa, quadro do tecto da sala grande das sessões da Camara Municipal; 5.^{m} de largo, por 4.^{m} de alto; 1883. Reproduz-se aqui. *(Estampa 15.)*

Como se vê, tocou José Rodrigues o teclado todo. Temos quadros sacros, retratos de grande composição, allegorias, natureza morta e flôres, paizagem, e quadrinhos de genero. No meio d'estas complicadas tarefas, que nunca findavam, vêmol-o encarregado varias vezes de pintar Pessoas Reaes, o que é sempre para um artista uma nobilitação.

A primeira vez foi um retrato d'el-Rei D. Pedro V, em transparente, para os festejos da acclamação do mesmo senhor em Beja; 1855;

segue-se o mesmo Monarcha em 1856; painel de oito palmos;

a senhora D. Maria II; meio corpo, aqui reproduzido. *(Estampa 16.)*

em 1857 a senhora Infanta D. Isabel Maria;

em 1858 el-Rei D. Fernando encommenda para o Rio de Janeiro;

em 1860 el-Rei D. Pedro V, para o salão da Praça do Commercio;

em 1862 el-Rei D. Luiz, para a sala dos capellos da Universidade de Coimbra; 3.^{m} de altura;

no mesmo anno el-Rei D. Pedro V (de reminiscencia) para a escola primaria de Mafra, encommenda da benemerita Sociedade portugueza

Est. 17—S. M. EL-REI O SENHOR D. PEDRO V

Esboceto para quadro

Pertence á filha do autor

(Photographia de J. A. Barcia.)

Madrépora do Rio de Janeiro; retrato inaugurado em 8 de Fevereiro de 1863, no palacio do Marquez de Sampayo, á Boa-Vista, onde eram as officinas dos impressores Castros, e a redacção do *Archivo pittoresco*, n'um banquete dado pela Empreza aos collaboradores;

el-Rei D. Luiz, encommenda do Ministro da Marinha para a sala do docel no Governo geral de Moçambique, 2^{m},60 por 1^{m},70; retrato muito bello como composição, colorido, e relêvo, visitado em 5 e em 12 de Fevereiro de 1863 pelas Pessoas Reaes, el-Rei D. Luiz e a senhora D. Maria Pia e el-Rei D. Fernando; e no mesmo anno o do dito Reinante para o Pará, tela de 3 metros;

em 1863 el-Rei D. Luiz para o Pará; $3.^{m}$;

o mesmo senhor, para a sala da Camara dos senhores Deputados;

em 1864 o mesmo senhor, para o paço cardinalicio de S. Vicente;

em 1865 outra vez el-Rei D. Pedro V, encommenda do Rio de Janeiro; e certamente

no mesmo anno, outro retrato do mesmo Rei, inaugurado nas salas da Academia philarmonica lusitana, travessa da Assumpção n.º 100, em 11 de Novembro de 1865;

em 1866 el-Rei D. Luiz, para Benguella;

o mesmo Soberano para a Camara dos Dignos Pares;

em 1868 el-Rei D. Pedro V, para o Asylo do Campo-Grande; e

finalmente, não sei ao certo quando, el-Rei D. Luiz, para o Tribunal do Commercio.

Ao todo são dezanove telas, algumas muito vastas, e de alta responsabilidade, cheias de côr,

e com a difficuldade enorme de variar quanto possivel um thema banal; mas o certo é, que José Rodrigues brincava com esses problemas, e sahia-se sempre bem de tão pesadas emprezas.

Dois esbocetos encontrei de retratos d'el-Rei D. Pedro e D. Luiz. Como curiosidade aqui vão. *(Estampas 17 e 18.).*

A proposito de esbóços: deixou muitos, hoje conservados religiosamente por sua filha, por algum parente, ou por algum admirador. Aqui reproduzo um velho, desenhado á penna, e retrato fiel (está-se a perceber) de um antigo militar de cavallaria, talvez um dragão de Chaves convencionado de Evora-Monte, a quem a miseria obriga a estender mão de mendigo á caridade dos constitucionaes. Pertence-me por offerta da filha de Rodrigues *(Estampa 19)*, assim como um esboço de uma das figuras do quadro da Rainha de Sabá; e uma cabeça de estudo.

XVI

Achava-se no auge da sua reputação, tão caramente conquistada; o seu tempo era disputado para lições, ora em collegios femininos, ora na alta sociedade; foi professor no mosteiro das donas irlandezas do Bom-Successo, e no collegio de S. José das Dominicanas de S. Domingos de Bemfica; teve por discipulas S. S. E. E. a senhora Duqueza de Palmella (então Marqueza do Fayal), a senhora Condessa de Ficalho, e a

Est. 18—S. M. EL-REI O SENHOR D. LUIZ

Esboceto para quadro

(Photographia de J. A. Barcia).

senhora Condessa de Villa Real e de Mello; sentia-se apreciado de todos sinceramente, como homem, e como pintor; laureavam-n-o distincções artisticas invejaveis; o seu nome andava na bocca de todos os cultores de Arte; el-Rei D. Luiz, na Ajuda, e el-Rei D. Fernando no verdadeiro museu das Necessidades, varias vezes o recebiam de visita, e com amizade; e via por seus olhos alguns quadros seus conservados com apreço no paço dos seus Soberanos; tinha ainda, segundo todos calculavam, um largo futuro diante de si; e os seus trinta e cinco annos abalançavam-se com soffreguidão a todas as tarefas, quando coroou as vantagens que alcançára, escolhendo companheira para o seu lar.

Em 20 de Maio de 1863, na freguezia de Nossa Senhora dos Anjos, casou por amor com D. Maria José Rodrigues, appellido este que lhe pertencia a ella tambem, por seu pae José Rodrigues da Rocha.

Não a conheci, mas todos me affirmam ter sido senhora de peregrina formosura. D'este matrimonio houve tres filhos:

Antonio Ribeiro Rodrigues, fallecido muito novo;

Theresa de Jesus Rodrigues, com 18 dias; e a primogenita

a senhora D. Mathilde Leonor Rodrigues, que vive, casada com o snr. Francisco José Fernandes Nogueira, de quem tem uma filhinha, representante de uma invejavel glória artistisca de Portugal;

D. Maria da Gloria Rodrigues Nogueira, sobrevivente a um irmãosinho, José Carlos, fallecido com um anno.

Continuou trabalhando muito o nosso Rodrigues, e continuavam todos a aprecial-o. Em 25 de Outubro de 1865 a Conferencia geral da Academia nomeou-o Academico de Merito. [1]

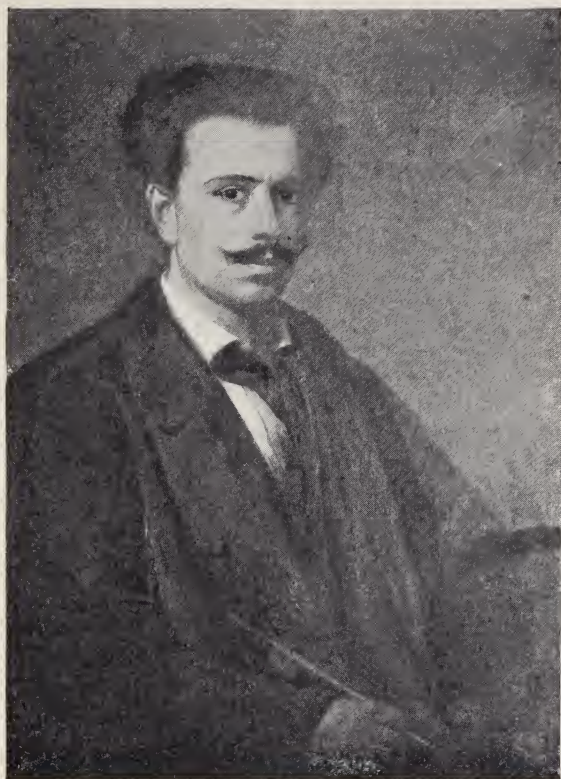
Em 1867 foi a París ver a Exposição universal, mas infelizmente nada sei d'essa viagem.

XVII

Em 1873 quiz um dos filhos de Castilho mandar pintar um retrato grande de seu Pae. A fama de Rodrigues era tanta, que foi elle o escolhido. Dirigiu-se á rua dos Bacalhoeiros, e expôz a sua pretenção.

Achou o artista muito cahido e melancolico; ainda assim, viu-o animar-se com a ideia de retratar o Poeta, a quem admirava de longe; mas as tarefas e encommendas eram tantas então, que só para d'ahi a seis ou séte mezes permittiam a realisação do tentador projecto. Pediu espera, que não lhe poude ser concedida. Castilho estava velho, decahia de mez para mez; era indispensavel aproveitar os momentos.

O ancioso filho dirigiu-se então a Miguel Lupi, que realisou uma das maravilhas da Arte portugueza. Esse retrato tem n'outra parte a sua chronica minuciosa.

[1] O diploma é de 25 de Junho de 1869, assignado pelo Vice-Inspector Marquez de Sousa-Holstein, Director geral Francisco de Assis Rodrigues, e Secretario José da Costa Sequeira. Existe em poder da filha do agraciado.

Est. 20—JOSÉ RODRIGUES AOS 32 ANNOS

quadro por elle proprio, em poder da filha

(Photographia de J. A. Barcia.)

Est. 19—VELHO MILITAR MENDIGANDO

desenho á penna

(Photographia de J. A. Barcia).

Quando appareceu na Exposição de París, fez sensação. Não conheciam lá o original, não podiam avaliar a semelhança, mas palpavam ali uma obra grande. *Un émouvant portrait d'aveugle* — escrevia um crítico parisiense.

XVIII

Poucos annos andados, era Rodrigues um caduco, um velho prematuro, uma ruina. Tinham passado por elle desgôstos de familia, desenganos amargos; dir-se-hia que o pujante artista de outr'ora morria antes de morrer.

Com effeito, quem o observasse conheceria n'elle um exemplar completo do neurasthénico e do cardíaco. Os progressos da doença, talvez complicada com hepatismo, manifestavam-se n'um desânimo absoluto, n'um constante amargor, n'uma incontentabilidade de tudo e de todos. A mais leve contrariedade o feria, e as suas tristezas exalavam-se em queixas doloridas.

Isso importunava um pouco o egoismo commodista de algumas pessoas, que o evitavam por tal motivo.

Esse estado mórbido, que parecia querer revelar-se até no intellecto, filiava-se já, fôrça é confessal-o, n'uma predisposição de familia. Seu irmão Joaquim fallecêra com o cerebro perturbadissimo; e seu outro irmão Agostinho acabára maníaco.

A essas predisposições nativas acresceram os excessos do trabalho, e as amarguras da vida,

Est. 21—CASTILHO

Quadro pintado por José Rodrigues, em 1883,
por incumbencia
da Camara Municipal de Lisboa
para a Escola Municipal de S. Vicente

(Photographia de J. A. Barcia.)

sempre incerta e laboriosa; os desmandos, não. Pode affirmar-se ter sido José Rodrigues homem morigerado, sóbrio em tudo, como quem fôra criado n'um lar ordeiro de Portuguezes velhos. Não frequentava theatros nem cafés; as suas companhias eram poucas, e escolhidas; o seu deleite, o seu laboriosissimo deleite, era a Pintura. Se fosse rico, e não precisasse d'ella para viver, creio que ainda assim viveria por ella e para ella. Artista em toda a larga e nobre accepção da palavra.

Os que o conheceram, ainda recordam com saudade a sua carinhosa polidez nunca desmentida, e a sua bondade comprovada mil vezes. Visitas não pareciam importunal-o; recebia a todos com affabilidade, ainda que o topassem no mais acezo das tarefas do cavallete, ou na faina hercúlea das varias e enormes pinturas de tectos que executou. Recordo, a pesar de os ter mencionado já, o tecto da sala grande da Camara Municipal, o da sala do Tribunal do Commercio, e o da capella funerária do cemiterio de Nossa Senhora dos Praseres.

D'este ultimo possuo, por alto favor da filha do artista, o primeiro esboço á penna, que é primoroso. Reproduzo o quadro. Uma alma vai largando a terra, e sobe ao Ceo, guiada pelo seu Anjo da guarda; concepção grandiosa, que bastaria para caracterisar o crente que elle sempre foi.

O *Diario de Noticias* de 6 de Março de 1869 conta haver-se já descoberto o quadro d'esse tecto, para avaliar, antes da conclusão, o seu effeito artistico.

Em tendo comsigo algum íntimo, sentia a vo-

luptuosa necessidade de desabafar em segrêdo as amarguras da vida, mas só em termos vagos. Era um d'aquelles genios fracos e pessimistas, que não teem em si a necessaria fôrça de reacção, e fazem da existencia um tormento perenne. O olhar affectoso, e até a voz vibrante e monótona, revelavam dôres profundas. Os desgôstos exacerbaram a sua disposição nativa para a tristeza. No seu retrato dos 32 annos, que vai aqui, já transparece o melancolico amoroso. *(Estampa 20.)*

Na lista que a familia possue das obras do mestre, lêem-se no anno 1878 estas tristissimas palavras:

«Por falta de saude, e outros motivos parti-
«culares, estive dois annos sem pegar em pinceis,
«e os retratos que fiz depois deixei de aqui os
«indicar, por falta de ânimo, ou desleixo. Hoje
«21 de Abril de 1883, querendo continuar esta
«relação dos que me recordo, sem ordem, ter as-
«signado, são os seguintes, etc...»

Apesar d'esse enfraquecimento moral e physico, trabalhou ainda muito. Lembro-me de duas gravuras, cujas datas não sei: *Geniosinhos brincando*, e *A tentação de Christo*. (*Estampas 22 e 23.*)

A Camara Municipal encommendou-lhe um retrato de Castilho, a oleo, para uma escola; emprestei photographias varias. Em 4 de Setembro de 1882 me escrevia Rodrigues para os Olivaes, pedindo-me para ir ver a pintura e dar parecer. *(Estampa 21.)*

Enumerando e apreciando rapidamente alguns artistas portuguezes modernos, diz o excellente

Est. 22—GENIOSINHOS BRINCANDO N'UM REGATO, gravura em cobre

(Photographia de J. A. Barcia).

Manuel Maria Bordallo Pinheiro, com muita sobriedade:

«José Rodrigues, que teve o talento de colhêr com interesse o que vira de melhor nas obras dos artistas Fonseca, Meneses, Roquemont, e Metrass, tambem apresentou trabalhos de incontestavel merito.» [1]

Em 1886 assignou o retrato grande de S. E. a Duqueza d'Avila, pintado do natural em casa da propria retratada. Esse retrato é bom em absoluto; o seu maior *contra* é estar collocado mesmo em frente da maravilhosa tela de Lupi representando o venerando Duque d'Avila e de Bolama....

Rodrigues, alquebrado de doença, ainda teve ensejo de deixar na sala grande da nossa Camara Municipal duas obras de fama: os retratos de corpo inteiro de Alexandre Herculano de Carvalho, e o de Manuel Fernandes Thomaz. Possuo o desenho do tinteiro de Herculano tal como lá foi expresso por este esbôço; e José Arthur Barcia possue um estudo para a cabeça de Fernandes Thomaz. *(Estampa 24.)*

Era triste ver José Rodrigues por esse tempo. Pintava, e finava-se.

[1] *Artes e Letras* n.º 3, de Março de 1872, artigo intitulado *Duas palavras acêrca do movimento artistico da Peninsula.*

XIX

Um dia, lamentando ver-se occupado sempre com retratos, falou-me n'um quadro que planeava, e que, segundo elle, sería a sua obra-prima. Por mais que diligenciei, não me disse o assumpto.

Outra vez, tornou a falar no quadro.

— Está esboçado — disse o grande artista;— e vou mostrar-lh'o em segrêdo.

De traz de uma ruma de paineis que se accumulavam dentro n'um estreito desvão, tirou com bastante trabalho uma tela não pequena, diminuiu um pouco a luz da janella, e disse-me:

— Bem. Agora pode olhar.

¿Que vi eu? Entre uns penhascos, aniquilado de cançasso e dor, respirando tristeza e miseria, jazia meio sentado, encostado aos penedos, um homem pobre, cabeça descoberta, em meio perfil, barba comprida, rôsto emaciado. A postura do tronco e dos braços era a de uma criatura exhausta de fadiga; o olhar tinha desenganos supremos, que se communicavam ao espectador. Em summa: tudo n'aquella composição oblonga de seus tres metros talvez, e pintada ao alto, dava a impressão das melancolias estafadas de um Judeu errante.

¿Que era aquillo? ¿uma elegia? ¿um desabafo? ¿uma synthese de padecimentos moraes? ¿uma pagina auto-biographica? Sim.

Aquella concepção, tão simples e tão gran-

Est. 23 — CHRISTO TENTADO PELO DIABO

Omnia tibi dabo si cadens adoraveris me

(Gravura em madeira)

diosa, personificava-o. Não era o seu rosto, mas era elle; era elle com a sua derrotada vida, elle a caminhar sempre, elle a lutar, elle derrubado ao pêzo de desgôstos.

Guardou de novo o esbôço no seu esconderijo, e limpou uma lagrima. Ficámos calados ambos.

¿Onde pára hoje essa tela de dòr?

. . . .

XX

Mas era tempo de descançar.

Na sua querida cidade de Lisboa, em 19 de Outubro de 1887, na rua dos Bacalhoeiros (que oxalá a Camara consagrasse ao nome d'elle, assignalando-lhe tambem o predio mortuário) acabou de padecer, depois de longos mezes de isolamento e melancolia, este talentoso homem, a quem me ufano de erguer um padrão literario, embora tão modesto.

Os jornaes commemoraram esta perda em termos sentidos; e a Arte nacional, que já perdêra Lupi, Christino, Annunciação, Victor Bastos, trajou luto que ainda não alliviou.

Vivia Rodrigues, nas trevas da sua viuvez, só com sua querida filha, então muito nova. Ficando esta senhora em circumstancias precarias, Calmels, o escultor francez quasi portuguez pelo talento e pelo coração, falou n'ella a S. E. a Duqueza de Palmella. Esta senhora, sempre bondosa e magnânima, não conhecia a orphan; mas condoeu-se do seu desamparo, e determinou man-

dar-lhe propôr o ir para sua casa; justa homenagem ao reconhecido talento do fallecido e infeliz pae. Prevaleceu porém o offerecimento de um amigo da familia, o talentoso architecto Domingos Parente da Silva, que abrîu o seu honesto lar á filha querida do grande morto; e lá a teve até ella casar com o snr. Nogueira.

. . . .

XXI

Vou levantar mão da tarefa que me tinha imposto.

Finda aqui o que sabía da vida e das obras de José Rodrigues, exemplo lamentavel do talento contrariado pelas circumstancias. Pouco alcancei, mas esse mesmo *pouco* serve para ponto de partida a outros.

José Rodrigues pode definir-se uma aguia engaiolada. Teve sacões e impaciencias, que lhe prejudicaram a saude, e não conseguiram vergar as grades do seu captiveiro. Feria-se, mas ficava prezo.

Foi um homem de bondade; affirmo isto, sem receio de que acto algum da sua vida me desminta. Um retrato visto de longe parece quasi sempre bom; o homem examinado de perto parece quasi sempre mau. Rodrigues lucrava em ser conhecido na intimidade; o seu elogio é esse.

Se a sorte lhe tivesse sido menos adversa, se tivesse encontrado no berço a opulencia que lhe permittisse viajar, correr as galerias da Europa, e conviver com mestres, se tivesse podido eman-

Est 24—MANUEL FERNANDES THOMAZ

estudo para o quadro
que existe na Camara Municipal

(Photographia de J. A. Barcia)

cipar-se do retrato tal como então se entendia por cá, e tivesse cultivado em cheio a sua inspiração, certamente haveria Rodrigues deixado nome bem maior, e teria vivído mais tempo e com mais alegria. Os designios de Deus são insondaveis.

Empenhemo-nos pois em conservar assim, de cada artista notavel que nos vai faltando, os possiveis dados biographicos authenticos. O conjunto d'essas noticias será a historia da nossa Arte, embora seja tambem (para nossa vergonha salutar o direi sempre) um eloquente martyrológio.

Lumiar 27 de Agosto
de 1908

Est. 25—JOSÉ RODRIGUES

photographia tirada na Golegan pelo seu amigo
Carlos Relvas

(Reproducção de J. A. Barcia.)

DOCUMENTOS

PROVAS

I

Casamento de Apollinario José de Carvalho com Anna Maria.

Certifico que no Livro n.º 3 fl. 17 v. do registro dos casamentos da egreja de São João da Praça, se encontra o termo seguinte: «Aos deseseis dias do mez de Novembro de mil oitocentos e quatorze annos, de manhã, nesta parochial egreja de São João da Praça de Lisboa, tendo todos os papeis do estylo promptos e guardada em tudo a determinação do Sagrado Concilio de Trento e da Constituição do Patriarchado na minha presença e das testemunhas abaixo declaradas e assignadas e inte—digo, se receberam por marido e mulher com palavras de presente claras e intelligiveis, Apolinario José, filho de Manoel Carvalho e Catarina Rosa do Cármo, baptisado na freguezia de São Bartholomeu da villa da Castanheira deste Patriarchado e morador na freguezia de São Julião desta cidade; e Anna Maria, filha de Manoel José do Espirito Santo e Thereza Maria, baptisada na freguezia de São Miguel do Juncal, bispado de Leiria, e moradora nesta de São João da Praça; prestaram mutuo e reciproco consentimento, sendo testemunhas presentes, João Antonio Domingues, morador nesta freguezia no Pateo do Marechal e José Carvalho, morador na villa da Castanheira deste Patriarchado, que comigo assignaram. O Prior Antonio de Padua, João, uma cruz, Antonio Domingues, José, uma cruz, Carvalho.» Está conforme. Parochial da Sé de Lisboa 26 de Outubro de 1906. —O Prior *Antonio Pinto dos Reis.*

II

Casamento
de Apollinario José de Carvalho
com Marianna Leonarda.

Certifico que no Livro n.º 3, fl. 73, do registro dos casamentos da egreja de S. João da Praça, se encontra o termo seguinte: «Aos vinte e cinco dias do mez de Dezembro de mil oitocentos e vinte e sete annos, de manhã, nesta parochial egreja de São João da Praça de Lisboa, tendo todos os papeis do estylo correntes e guardada em tudo a determinação do Sagrado concilio de Trento e Constituição do Patriarchado, na minha presença e das testemunhas abaixo declaradas e assignadas, se receberam por marido e mulher com palavras de presente, claras e intelligiveis Appollinário José de Carvalho, viuvo de Anna Maria, morador nesta freguezia de São João da Praça, e Maria Leonarda, viuva de Joaquim José do Rosario moradora nesta freguezia de São João da Praça, prestaram mutuo e reciproco consentimento, sendo testemunhas presentes, João da Rosa de Almeida, morador na freguezia da Sé desta cidade e José Luiz, morador na freguezia de São Romão de Carnaxide, termo de Lisboa que commigo assignaram. Declara que a contrahente é Marianna Leonarda. O Prior Antonio de Padua, João da Rosa de Almeida, José, uma cruz, Luiz.» Está conforme.—Parochial da Sé de Lisboa 26 de Outubro de 1906 —O Prior *Antonio Pinto dos Reis.*

III

Baptismo de José Rodrigues

Certifico que no Livro n.º 6, fls. 51 v.º do registro baptismal da Egreja de São João da Praça se encontra o termo seguinte: «Aos vinte e um dias do mez de Setembro de mil oito centos e vinte oito annos, nesta parochial Egreja de São João da Praça de Lisboa, de minha licença, baptisou e poz os santos óleos solemnemente o Reverendo João da Conceição Maria, Coadjutor da egreja da Senhora da Pena desta cidade a = José = que nasceu aos deseseis dias do mês de Julho do dito anno, filho de Apollinario José e Maria Leonarda, moradores no largo de São Raphael desta freguezia onde foram recebidos. Foi padrinho José Rodrigues morador no largo de São Paulo desta cidade, de que fiz este termo que assignei. O Prior *Antonio de Padua.*» Está conforme. Parochial da Sé de Lisboa, 22 de Outubro de 1906.—O Prior *Antonio Pinto dos Reis.*

IV

Descendencia de Manuel Carvalho

1 — **Manuel Carvalho**, natural da villa da Castanheira Patriarchado, e morador em Lisboa. Casou com Caterina Rosa do Carmo. Tiveram:

2 — **Apollinario José de Carvalho**, natural de Lisboa. Casou duas vezes: em 1.as nupcias com Anna Maria, natural de S. Miguel do Juncal, Bispado de Leiria, filha de Manuel José do Espirito Santo e de Thereza Maria. Tiveram:

3—*Joaquim Antonio de Carvalho*, que segue:
3—*Marianna de Carvalho*
3—*Pedro Rodrigues de Carvalho*
3—*Antonio Avellino de Carvalho*

3— **Joaquim Antonio de Carvalho**, natural de Lisboa. Casou com Maria Gertrudes de Carvalho. Tiveram:

4—*D. Anna Maria da Conceição de Carvalho*, natural de Lisboa, casada com Julio Malaquias Barcia, de Lisboa. Tiveram:

5—*José Arthur Barcia*, natural de Lisboa, casado com *D. Isaura Rosa Xavier.*
5—*D. Ermelinda Amelia da Conceição Barcia*, casada com Herminio Cunha.
5—*D. Deolinda da Conceição Barcia*, casada com João de Macedo e Sousa.

Passou Apollinario José de Carvalho (n.º 2) a 2.as nupcias com Marianna Leonarda, já viuva de Joaquim José do Rosario. Tiveram:

3 — *José Rodrigues*, (o illustre pintor). Casou em 1863 com D. Maria José Rodrigues; Tiveram:

4 — *Antonio Rodrigues.*
4 — *D. Mathilde Leonor Rodrigues*, casada com Francisco José Fernandes Nogueira. Tiveram:

5 — *D. Maria da Gloria Rodrigues Nogueira.*

4 — *Agostinho Ribeiro de Carvalho.*
4 — *Angela Maria de Carvalho.*
4 — *Maria Carlota de Carvalho.*
4 — *Filippe Nery de Carvalho.*
4 — *Carolina de Carvalho.*

V.

Lista de quadros de diversos generos pintados a oleo por José Rodrigues

(segundo apontamentos deixados por elle proprio na sua carteira)

1 **O pobre da pucara**; meio corpo. Pertencia a el-Rei D. Fernando.
2 **O pobre rabequista**, composição de tres figuras do tamanho natural. Pertencia a el-Rei D. Fernando. Hoje ao snr. Conde do Ameal.
3 **O malmequer**. Pertencia a D. Maria Rufina de Lima Iglesias.
4 **Os peixes**.
5 **Penhascos da Mancha**. Pertencia ao Marquez de Sousa Holstein.
6 **O guarda da linha ferrea**. Pertencia ao mesmo.
7 **Scena oriental**.
8 **Dois marroquinos em repoiso**.
9 **O antigo vendedor de agriões em Cintra**. Pertencia a el-Rei D. Luiz.
10 **O rapaz pedinte**. Pertencia ao mesmo senhor.
11 **A sésta do porco**.
12 **Os patos na levada**.
13 **A recusa**, quadro de costumes da edade média; pequenas dimensões.
14 **A cosinha**.
15 **A camponeza**. Pertencia a el-Rei D. Luiz.
16 **O jantar do varredor**.
17 **O sapateiro**.
18 **Tarde de inverno**.
19 **O aguaceiro**.

20 Os salteadores na caverna.
21 A ceia dos salteadores.
22 Os cisnes. Pertencia a F. Lourenço da Fonseca.
23 O pôr do sol. Pertence a Francisco Parente da Silva
24 A camponeza.
25 A criada. Pertencia a Carlos Relvas.
26 O cosinheiro. Pertencia ao mesmo.
27 Margens do Tejo, proximo de Santarem. Pertencia a el-Rei D. Luiz.
28 Nossa Senhora da Conceição, para Guimarães.
29 Nossa Senhora das Felicidades. Pertencia a D. Maria Rufina de Lima Iglesias.
30 A Madre Theresa do Lado. Pertencia á mesma.
31 Flores e frutos; altura $1^{m},09$, largura $1^{m},72$. Pertencia a el-Rei D. Fernando.
32 As portas do Ceo, quadro do tecto da capella do cemiterio dos Praseres.
33 Quadro do tecto da sala do Tribunal do Commercio de Lisboa.
34 A Cidade de Lisboa, quadro do tecto da sala grande das sessões da Camara Municipal de Lisboa $5.^{m}$ de largo, por $4.^{m}$ de alto. 1883.
35 A carta da namorada. Pertencia a Francisco Ricca.
36 A volta da cidade. Pertencia ao mesmo.

VI

Lista dos retratos pintados a oleo por José Rodrigues

(segundo apontamentos deixados por elle proprio no seu album)

1847

1 D. Maria Rita de...
2 José de Sousa.

1848

3 Pedro Rodrigues de Carvalho.
4 Joaquim Bento Pereira (Barão do Rio Zêzere em 1851.)
5 D. Joaquina Lucia de Brito Velloso Peixoto, (Baroneza do Rio Zêzere.)
6 José Bernardino Frasão.
7 D. Henriqueta Mathilde Frasão.
8 D. Marianna Victoria de...

1849

9 Francisco de Paula Cardoso.
10 Roberto Cohen.
11 Alfredo Fernandes Claro.
12 Antonio de Almeida Didier (menino de 8 annos.)

1850

13 José Daniel Colaço, depois Consul geral e Ministro em Tanger, e barão de Colaço de Macnamara.
14 ...Ferreira, Escrivão de Direito em Guimarães.
15 Luiz Pinto Tavares (residente em Castello Branco)

16 Candido José de Oliveira.
17 Luiz Carlos Leão Trinité.
18 Visconde de Ovar, Antonio Maria Pereira da Costa, General de Brigada.
19 Viscondessa de Ovar, D. Maria Rita de Oliveira Pinto da França.
20 José Firmo Ferreira dos Santos, Medico-cirurgião.
21 Dr. Antonio Dias de Azevedo, irmão do Conde de Podentes.
22 D Emilia Brower, sua mulher.
23 José Frederico Pereira da Costa (Ovar.)
24 D. Theresa Jacintha Maria Sanz Monteiro.

1851

25 Constantino Rodrigues Batalha.
26 ...de Andrade, Commandante de Artilharia 1.
27 João Firmino Ribeiro.
28 Francisco Rodrigues Batalha
29 D. Maria José Couceiro Stamp
30 D. Theresa Clara Cardoso de Faria e Maia.
31 Repetição do mesmo, para a Ilha de S. Miguel.
32 José Marcellino, Coronel de Artilharia.
33 Copia de um retrato a daguerreotypo para o Rio de Janeiro.
34 Conego Mendes.
35 Visconde do Pinheiro, D. Miguel Ximenez.

1852

36 José Avellino da Costa Amaral.
37 Joaquim Antonio dos Santos Teixeira, Cirurgião em chefe do Exercito.
38 D. Camilla Adelaide Stamp.
39 Joaquim Ignacio Ribeiro.
40 José Bernardo da Silva, Capitão de mar e guerra
41 Flammiano José Lopes Ferreira dos Anjos.
42 ..Juiz em Palmella (copia.)
43 Mr. John Stott Howorth.
44 José Vieira da Silva, para Loanda.
45 Mathias José Pereira, para o Maranhão.
46 D. Anna Clara Pereira. para o Maranhão.
47 e 48 Duque de Saldanha, e uma repetição para Coimbra.

1853

49 Duque de Palmella, D. Pedro, copia de um busto.
50 Joaquim Theotonio da Silva, Medico-cirurgião.
51 Antonio Lopes Ferreira dos Anjos.

1854

52 Ricardo Fernandes de Oliveira Duarte.
53 Julio Stamp.
54 Antonio Lopes Ferreira dos Anjos, para a Certan.
55 Barão de Almeida, Antonio Thomaz de Almeida e Silva.
56 Barão de Sarmento, General Ajudante de campo d'el-Rei D. Fernando.
57 D Leonor Magdalena Pecquet Ferreira dos Anjos.
58 José Pedro Henriques Barbosa.
59 D. Maria Guilhermina Marques dos Anjos.
60 D Maria do Ceo da Costa Guerreiro.
61 e 62 Duas meninas em grupo, para o Pazá.

1855

63 José Maria do Couto.
64 e 65 Antonio Joaquim Luiz de Sequeira, e D. Gracinda de Jesus Alves de Sequeira, em grupo.
66 Antonio Augusto Martins Ludovice, de reminiscencia.
67 Salvador José Castanho.
68 D. Carolina Amalia do Carmo Bastos Castanho.
69 Manuel Joaquim Barbosa.
70 D. Amalia Theodolinda Bastos
71 Joaquim Ignacio Ribeiro, repetição do retrato pintado em 1852, ut supra.
72 Sua Magestade el-Rei D. Pedro V, do reminiscencia, em transparente, para os festejos da Acclamação em Beja.
73 Conselheiro Francisco José Vieira, para o Porto.

1856

74 Antonio Rino Jordão, para Leiria.
75 João Affonso Henriques
76 Viscondessa de Benagazil, D. Catharina Rita Pereira Caldas, copia.
77 Guilherme Ribeiro da Cunha
78 José Joaquim Vicente de San-Romão.
79 Sua Magestade el-Rei D. Pedro V, quadro de oito palmos.
80 João Paulo Cordeiro, copia.

1857

81 D. Maria Bernardina da Gama Salema.
82 Sua Alteza a Senhora Infanta D. Isabel Maria
83 Padre Beirão.
84 Conselheiro José da Silva Carvalho, copia.
85 Anonymo,
86 Repetição do dito.
87 D. Catharina Candida de Andrade Lima, copia para Portalegre.
88 João do Couto, para o Brazil.
89 e 90 As meninas Mayas, grupo de duas.
91 D. Rosinda Maria Maya.

1858

92 Sua Magestade el-Rei D. Fernando, para o Rio de Janeiro.
93 D. Gertrudes Magna da Silva Salles.
94 Barão de Almeida, Antonio Thomaz de Almeida e Silva. Pertence a sua filha a senhora Baroneza de Almeida D. Anna de Menezes.
95 Sua excellencia o Arcebispo de Braga, D. José Joaquim de Azevedo e Moura, para Braga
96 João Luiz Gonçalves, de reminiscencia.
97 Sua Eminencia o Cardeal Patriarcha de Lisboa, D. Manuel Bento Rodrigues, para Braga.
98 José Maria Carvalho e Costa.

1859

99 Matheus José Baptista, Medico cirurgião.
100 Fernando Postsch, copia de daguerreotypo.
101 D. Maria Eugenia da Cunha Mattos de Mendia.
102 D. Maria Luisa Telles, para o Rio de Janeiro.
103 José Vieira da Silva Junior.
104 José Joaquim Vicente de San-Romão Junior.

1860

105 Sua Majestade el Rei D. Pedro V, para o salão da Praça do Commercio de Lisboa.
106 D. Maria Luisa de Araujo Telles.
107 D. Maria Candida de San-Romão e seu filho, em grupo.
108 José Maria dos Santos.
109 D. Maria Rosa da Costa Lima, mãe do Visconde de Porto Côvo de Bandeira.

1861

110 Condessa de Farrobo, D. Magdalena Pinault, em trajo á Luiz XV, quadro de 2m,30. Pertence a sua filha D. M.ª Joaquina Quintella casada com Mendonça.
111 Francisco Lourenço da Fonseca.
112 D. Maria José Gaia da Fonseca
113 Joaquim Julio Rodrigues de Macedo.
114 Conde de Porto-Côvo de Bandeira, em trajo de ceremonia como Par do Reino, quadro de 2m, e 30. Pertence ao actual Conde.
115 Alexandre Herculano de Carvalho, para o Gabinete Portuguez de leitura do Rio de Janeiro.

1862

116 Sua Majestade el-Rei D. Luiz, para a sala dos capellos da Universidade de Coimbra, quadro de 3.m de altura.
117 Sua Majestade el-Rei D. Pedro V (de reminiscencia) para a escola de Mafra, encommenda da Sociedade Madrépora do Rio de Janeiro.

118 Mademoiselle Cunha.
119 Sua Majestade el-Rei D. Luiz, encommenda do Ministerio da Marinha para a sala do docel do palacio do Governo Geral em Moçambique, quadro de 2.^{m} e 60^{c}, por 1.^{m} e 70^{c}.
120 Sua Majestade el-Rei D. Luiz, para Pernambuco, quadro de 3.^{m} por 2.^{m}.

1863

121 D. Maria do Resgate da Graça de Figueiredo.
122 Sua Magestade el Rei D. Luiz, para o Pará, quadro de 5.^{m}.
123 Conde de Rilvas.
124 João Pinto de Araujo, para o Pará.
125 Repetição do mesmo.
126 D. Jeronyma Candida Vieira, copia, para o Maranhão.
127 D. Clotilde da Cunha Ricca, de reminiscencia. menina de dois annos de edade.
128 Joaquim Antonio da Silva, para o Pará.
129 Repetição do mesmo.
130 Sua Majestade el-Rei D. Luiz, para a Camara dos Senhores Deputados.
131 D. Cecilia Couceiro Caramaça (de memoria.) Existe em poder do snr. Conselheiro Eduardo Pinto da Silva e Cunha na sua quinta do Campo Grande.

1864

132 Sua Majestade el-Rei D. Luiz, para o paço de S. Vicente.
133 Manuel José Dias Monteiro, e D. Anna Isabel Furtado Dias Monteiro, os dois em grupo-quadro de 1,46 por 1.10.
134 Manuel Joaquim de Oliveira.
135 D. Gracinda Alves de Oliveira.

1865

136 José Maria da Silveira Estrella, copia de photographia.
137 D. Anna Telles de Vasconcellos.
138 Visconde de Porto-Côvo

139 Joaquim Carlos de Champalimaud, copia de photographia.
140 Sua Majestade el-Rei D. Pedro V, de reminiscencia, para a Sociedade de Beneficencia do Rio de Janeiro, quadro de 2.m e 50, por 1.m e 50

1866

141 Frederico Biester, copia de photographia.
142 D. Maria Emilia de Champalimaud Paes, copia de photographia.
143 Jacintho Paes de Mattos Moreira, copia de miniatura.
144 Sua Majestade el-Rei D. Luiz, para Benguella
145 D. Maria do Carmo Ulrich.
146 Sua Majestade el-Rei D. Luiz, para a Camara dos Dignos Pares.

1867

147 Marquez de Niza.
148 Copia de uma photographia, para Caxias (Brazil)
149 Manuel de Sampayo de Sousa Cirne, Junior, copia de daguerreotypo, para Santarem.
150 Joaquim Caetano Lopes da Silva.
151 José Iglesias, em grupo com sua mulher.
152 D. Maria Rufina de Lima Iglesias.
153 D. Maria Ignacia da Costa, da Bahia.
154 Duarte Fernandes, copia.
155 D. Maria Adelaide Baldaque da Silva, mulher de Pedro de Medeiros e Albuquerque, copia de photophia.

1868

156 Henrique Feijó da Costa, de reminiscencia.
157 Sua Majestade el-Rei D. Pedro V, para o Asylo do Campo grande
158 D. Maria Guilhermina da Silva.
159 José Relvas de Campos, de reminiscencia.

1869

160 João Anastacio Dias Grande, para Portalegre. Pertence a D. Luisa Grande de Freitas Gomelino e Vasconcellos.

161 D. Anna Francisca dos Santos e Araujo, para o Porto.
162 Repetição do mesmo, para o Pará.

1870

163 José Elias dos Santos Miranda.
164 Conego D. Francisco de Paula de Azevedo.
165 Agostinho Dias Lima, para a Bahia.
166 A mãe do Conego Manuel dos Santos Pereira, para a Bahia.
167 O menino Iglesias, copia.

1871

168 Visconde das Laranjeiras.
169 Manuel Luiz Ferreira dos Santos, para a Bahia.
170 Miguel Antonio Gonçalves da Costa e Amaral, para Mangualde.
171 D. Leonor Margarida de Carvalho da Fonseca e Amaral, para Mangualde.
172 Dr. Seabra, para o Pará.
173 Sogra do antecedente, para o Pará.
174 Jeronymo Mauricio dos Santos.

1872, 1873, 1874, 1875

175 D. Emilia Gomes dos Santos, para a Bahia.
176 Antonio Augusto Tarujo Formigal.
177 D. Cecilia Couceiro Caramassa, de reminiscencia.
178 Marquez do Bomfim, para o Rio de Janeiro.
179 Flaminiano José Lopes Ferreira dos Anjos, repetição do retrato pintado em 1852.
180 D. Leonor Magdalena Pecquet Ferreira dos Anjos, repetição do retrato pintado em 1854.
181 Sua Majestade el-Rei D. Luiz, para o Tribunal do Commercio de Lisboa.
183 Jacinto Paes de Mattos Falcão, Conde do Bracial,
184 A mulher do antecedente, D. Emilia.

1876, 1877

185 Antonio Marcellino Facco.
186 D. Ermelinda Mauricia dos Santos Facco.
187 Dr. Josè Maria Borges, Juiz da Relação
188 Um menino, (corpo inteiro) da familia Faria e Maia, da ilha de S. Miguel.
189 D. Guilhermina Godinho de Andrade
190 Fammiano José Lopes Ferreira dos Anjos, nova repetição do retrato de 1852.
191 D. Leonor Magdalena Pecquet Ferreira dos Anjos, nova repetição do retrato de 1854

1878

192 A menina Aragão Moraes, de reminiscencia.

(Por falta de saude e outros motivos particulares, estive dois annos sem pegar em pinceis, e os retratos que fiz depois deixei de aqui os indicar, por falta de animo ou desleixo. Hoje 21 de Abril de 1883, querendo continuar esta relação do que me recordo, sem ordem ter assignado, são os seguintes.)

Nota autographa do Autor no seu referido Album.

193 Alberto Neves de Carvalho, para Caxias (Brasil)
194 Antonio João Alves da Cunha e Silva, para o Rio de Janeiro.
195 D. Marianna Alves da Cunha e Silva, para o Rio de Janeiro.
196 Visconde de Castilho, Antonio Feliciano de Castilho, de reminiscencia e por photographias: encommenda da Camara municipal de Lisboa para uma das suas escolas.
197 Conselheiro Antonio Rodrigues Sampaio, idem.
198 Barão de S. João d'Areias, Manuel de Serpa Pimentel.
199 Dr. Carlos Zephyrino Pinto Coelho.
200 Um Americano, para Liverpool.
201 Antonio Rodrigues Sampaio, repetição.
202 Sebastião José de Freitas.
203 ... Freitas Rego.

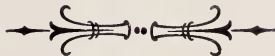
VII

Considerações sôbre a intensidade da producção intellectual de José Rodrigues.

Rodrigues nasceu em Julho de 1828; falleceu em Outubro de 1887; viveu portanto 59 annos e 3 mezes, isto é, 711 mezes.

As obras, que cita no seu incompleto catalogo, são:

Retratos: 203; pode acrescentar-se o numero a	213
Quadros: 36; podem elevar-se (alguns d'elles enormes e complicados) a........................	45
Logo, o total de quadros e retratos é de...........	258

Deduzindo dos 711 mezes, que o pintor viveu, os primeiros vinte annos de estudo e preparo, isto é 240 mezes, ficam-lhe só 471 mezes. Dividindo-os pelo nnmero das pinturas, vemos que o laborioso artista pintou mensalmente quasi 2 quadros, o que é pesadissimo, e muito mais se accrescentarmos desenhos, lithographias, esbóços, estudos para o concurso, lições, visitas etc.

Acabou
de imprimir-se este livro
em Lisboa
nas officinas da typographia da
Empreza da Historia de Portugal
aos vinte dias do mez de dezembro de
MDCCCCIX